

A Interpretação Epistêmica da Semântica Bidimensional

Júlia Telles de Menezes

Goethe-Universität Frankfurt

1 O aparato geral da semântica bidimensional

Existe uma variedade de teorias semânticas bidimensionais que divergem em alguns pontos específicos. De modo geral, porém, elas compartilham algumas ideias fundamentais, a saber: toda teoria semântica bidimensional postula que o valor de verdade de sentenças possui uma dupla dependência frente a fatos do mundo. Para representar esta dupla dependência que a semântica bidimensional estipula a respeito de fatos, a cada expressão linguística são atribuídas duas intensões: uma intensão primária e uma intensão secundária¹. O esquema bidimensional é, inicialmente, apenas um aparato formal. Mas se for devidamente desenvolvido, ele pode servir como teoria semântica para uma linguagem. Para alcançar este fim, uma teoria bidimensionalista deve abordar os seguintes pontos (SCHROETER, 2010): (i) explicar o que os dois parâmetros de mundos possíveis representam; (ii) explicar as regras de atribuição de valores semânticos bidimensionais para as expressões linguísticas; (iii) explicar como os valores semânticos bidimensionais nos ajudam a entender o significado das expressões linguísticas empregadas por falantes.

¹ Chalmers (2006) chama de intensão primária e secundária as duas intensões associadas a expressões linguísticas na semântica bidimensional. No entanto, na literatura sobre as teorias semânticas 2D encontraremos outros nomes que designam os mesmos conceitos, como Intensão-A e Intensão-C (JACKSON, 2004a, 2004b) e proposição diagonal e proposição expressa (STALNAKER, 1978). Embora Stalnaker não considere que a proposição diagonal seja equivalente aos conceitos desenvolvidos por Chalmers e Jackson, a sua proposição diagonal e proposição expressa são consideradas por muitos, o mesmo conceito (respectivamente: intensão primária e intensão secundária).

Ademais, a dupla dependência que caracteriza a semântica bidimensional, opõe-se ao esquema da semântica intensional tradicional (ou esquema “unidimensional”). Em primeiro lugar, a semântica unidimensional atribui uma única intensão a cada expressão linguística. Esta intensão captura o modo como o valor de verdade de uma expressão depende dos fatos representados por ela. O esquema unidimensional captura a dependência do valor de verdade frente a fatos, ao passo que o esquema bidimensional almeja capturar um outro tipo de dependência, a saber: a dependência do valor de verdade da sentença frente ao que ela significa ou comunica.

A semântica bidimensional generaliza a estratégia da dupla indexação desenvolvida para dar conta da avaliação de sentenças contendo termos indexicais (‘aqui’, ‘agora’, ‘esta’, ‘eu’, etc.). Esta aplicação da semântica de dupla indexação ao caso paradigmático de indexicais não é controversa. Existem duas formas de dependência da extensão da sentença “Eu estou no Rio de Janeiro,” por exemplo, frente a situações de proferimento. Por um lado, a intensão da sentença identifica extensões diferentes de acordo com a situação de proferimento. Na situação em que Pedro é o que profere “Eu estou no Rio de Janeiro,” a extensão é o estado de coisas (o fato) que Pedro está no Rio de Janeiro. O estado de coisas (o fato) que Maria está no Rio de Janeiro é a extensão da mesma sentença na situação em que Maria é a que profere. Por outro lado, a verdade da sentença “Eu estou no Rio de Janeiro” impõe condições independentes da situação de proferimento às entidades designadas pelos seus termos. “Eu estou no Rio de Janeiro” expressa a proposição que é verdadeira se e somente se a pessoa que a pessoa que a profere (seja ela Pedro ou Maria) estiver de fato no Rio de Janeiro. Este modo de avaliar a sentença captura a sua dependência frente ao significado. (O significado de ‘eu’ é dado pela expressão “aquele que está falando;” o conteúdo de ‘eu’ depende de quem está falando).

A semântica bidimensional parte de duas ideias centrais, a saber: existem dois modos de dependência de uma expressão linguística *vis-à-vis* mundos possíveis. Em primeiro lugar, considera-se que a *extensão atual* de uma extensão depende da natureza do mundo atual em que a expressão é proferida. Em segundo lugar, a *extensão contrafactual* de uma expressão depende da natureza do mundo onde a expressão é avaliada contrafactualmente. Correspondendo a essas duas formas de dependência, existem dois tipos de intensões (funções de mundos possíveis a extensões).

A partir das duas formas de dependência de expressões frente a mundos possíveis, pode-se fazer valer duas formas de considerar possibilidades: a primeira forma de pensar em possibilidades é consequência do primeiro modo de dependência mencionado, no qual possibilidades representam a maneira como o mundo atual pode vir a ser, isto é, “considerar uma possibilidade como atual,” ou, dito de outro modo, considerar que o mundo em questão seja o *nosso* mundo. A segunda maneira de pensar em possibilidades é considerá-las como contrafactuais. Neste caso, o mundo atual já está fixado e a extensão das expressões linguísticas terá o mesmo valor nos mundos contrafactuais que possuem no mundo atual.

Considerar um mundo hipotético como atual é considerar a possibilidade de que este mundo hipotético seja o nosso mundo, ou seja, é considerar a hipótese de que o nosso mundo seja diferente do que ele é de fato. Assim é possível considerar que o nosso mundo é tal que a substância aquosa é XYZ ao invés de H₂O. Considerar um mundo como contrafactual é pensar em uma possibilidade distinta da nossa, dado que o mundo atual (nosso mundo) já está fixado. De acordo com a semântica bidimensional, portanto, quando uma expressão é avaliada relativamente a um mundo *w*, obtém-se como resultado duas intensões, dependendo de como *w* é concebido (atualmente ou contrafactualmente).

We can think of the various possible particulars, situations, events, or whatever to which a term applies in two different ways, depending in whether we are considering what the term applies to under various hypotheses about which world is actual, or whether we are considering what the term applies under various counterfactual hypotheses. (JACKSON, 1998b, p. 47s.)

Nesse ponto, é possível vislumbrar como a estas duas formas de dependência das expressões linguísticas *vis-à-vis* possíveis estados de mundos correspondem duas intensões. Se intensões são definidas como funções cujo *input* (domínio) são mundos possíveis e o *output* (contra-domínio) são extensões, então o modo como consideramos as possibilidades afetará a natureza da função. Por isso, no esquema bidimensional, a expressão linguística avaliada possui duas intensões distintas e, conseqüentemente, duas extensões. Mais uma vez, Chalmers chama a primeira forma de dependência, que considera possibilidades como atuais, de *intensão primária*, e chama a segunda, que considera possibilidades como contrafactuais, de *intensão secundária*.

Na exposição da dupla dependência caracterizada acima, é conveniente recorrer à caracterização de Jackson. Jackson (2003, 2004b) afirma que termos podem denotar de duas maneiras. O *output* da função-intensão cujo domínio é constituído por mundos possíveis considerados como atuais é o que Jackson chama de extensão-A do termo em questão. A outra forma de intensão que Jackson propõe é um tipo de intensão familiar à tradição filosófica: a função que tem como *input* mundos possíveis *simpliciter* e como *output* a extensão-C. Jackson chama a primeira extensão de extensão-A porque ela é o resultado da função relativo a mundos possíveis considerados como atuais. E à segunda chama de extensão-C, pois os mundos possíveis que definem o *input* da função correspondente são, com exceção de *um* mundo (o mundo atual), sempre contrafactuais. A sentença “água é XYZ,” por exemplo, tem como extensão-A no mundo-XYZ, o verdadeiro, pois se considerarmos o mundo-XYZ como atual, a intensão-A da sentença como proferida por Oscar₂, tem como *output* o verdadeiro. Se considerarmos o mundo-XYZ como contrafactual, a extensão de “água é XYZ” será o falso no mundo-XYZ, uma vez que a extensão-C de ‘água’ já teria sido fixada no mundo atual (H₂O). Temos, portanto, duas extensões para a mesma sentença em cada mundo possível *w*: uma extensão-A, no caso em que o mundo *w* é considerado como atual, e a extensão-C, onde o mundo *w* é considerado como ele é, atual ou contrafactual. No caso especial de designadores rígidos como ‘água’ a extensão C no mundo *w* é sempre a mesma extensão que o termo tem no mundo atual, H₂O.

Mundos possíveis desempenham aqui o papel de contextos de proferimento (*contexts of utterance*) que determinam a extensão atual no mundo possível *w*. O mesmo se aplica a expressões sentenciais completas. A extensão de uma sentença declarativa é um valor de verdade: o verdadeiro ou o falso. A extensão atual de uma sentença depende, evidentemente, do mundo no qual ela é proferida—depende do contexto de proferimento. Neste caso, o contexto do proferimento determina (ou co-determina) o valor de verdade (a *extensão atual*) da sentença.

Em segundo lugar, a *extensão contrafactual* no mundo *w* de uma expressão depende das circunstâncias do mundo no qual a expressão é avaliada—não mais da natureza do mundo onde ela é proferida. Mundos possíveis desempenham, assim, o papel de circunstâncias de avaliação, além do papel de contextos de proferimento. Portanto, a *extensão contrafactual* de ‘água’ no mundo *w* é H₂O, quando a expressão ‘água’ é

avaliada nas circunstâncias de um mundo w onde o líquido dominante é H_2O . A extensão contrafactual de 'água' ainda é H_2O mesmo quando o termo 'água' é avaliado nas circunstâncias de um mundo onde o líquido dominante é XYZ . A *extensão atual* de "água é H_2O " é o verdadeiro no (contexto de proferimento do) mundo atual e o falso no (contexto de proferimento do) mundo XYZ (considerado como atual). A extensão contrafactual de "água é H_2O " é o verdadeiro nas circunstâncias de avaliação do mundo H_2O e nas circunstâncias de avaliação do mundo XYZ .

Os dois tipos de intensões caracterizados acima representam as duas dimensões de significado. Neste ponto, é conveniente a ilustração da dupla dependência que a semântica bidimensional estipula e de suas intensões correspondentes através das matrizes semânticas de Stalnaker (1978). Considere o seguinte exemplo: "Eu estou doente." Simplificando, as possibilidades relevantes a serem consideradas são as seguintes: no mundo i Pedro é o falante e no mundo j Maria é a falante. Maria está doente em ambos os mundos i e j ; e Pedro não está doente em nenhum dos mundos. Podemos retratar a dupla dependência do valor de verdade da sentença através da seguinte matriz:

	i	j
i	V	V
j	F	F

Os mundos representados na vertical estão sendo considerados como atuais ao passo que os mundos representados na horizontal estão sendo considerados como contrafactuals. As intensões secundárias da sentença "Eu estou doente" são representadas pelas linhas da matriz (horizontal). Se consideramos i como atual então a sentença é verdadeira em j considerado como contrafactual. No mundo i "Eu" identifica Maria, então "Eu" designa rigidamente Maria em j . Maria está doente nos dois mundos, pois o mundo atual é o que fixa a referência dos termos, uma vez fixada a referência nós estamos em posição de avaliar a sentença numa situação contrafactual. No entanto, se considerarmos j como atual (segunda linha da matriz), então a sentença é falsa no mundo i considerado como contrafactual. No mundo j "Eu" identifica Pedro e, portanto, "Eu" designa rigidamente Pedro no

mundo i . E Pedro não está doente em nenhum dos mundos. A intensão primária da sentença é retratada pela diagonal da matriz. A intensão primária da sentença é verdadeira em i , pois ao considerarmos i como atual e avaliarmos a sentença no mundo atual, o resultado será, presumivelmente, o verdadeiro. Neste mundo, “Eu” identifica Maria e ela está doente no mundo i . Ao considerarmos j como atual, então “Eu” identifica Pedro em j e Pedro não está doente em j , por isso o resultado é falso.

2 *Motivações iniciais*

Inicialmente a semântica bidimensional foi proposta como solução para alguns problemas gerados pelo esquema unidimensional (semântica intensional) de atribuição de conteúdo a sentenças declarativas. O esquema unidimensional consiste na associação de uma proposição a uma sentença levando em conta as regras semânticas aplicadas à sentença em questão. As regras semânticas exploram a contribuição dos referentes dos termos que compõem uma sentença declarativa para o valor de verdade da sentença. Em outras palavras, elas especificam as condições nas quais a sentença em questão é verdadeira. Por sua vez, as condições de verdade são comumente representadas em termos de mundos possíveis. O resultado final é a concepção do conteúdo de uma sentença declarativa como uma proposição compreendida como um conjunto de mundos possíveis—o conjunto dos mundos possíveis onde a proposição é verdadeira.

Especificar as condições de verdade de uma sentença é dizer como o mundo deve ser para que a sentença seja verdadeira. Desse modo, pode-se afirmar que uma proposição faz uma divisão entre os mundos possíveis que verificam a proposição, por um lado, e os mundos possíveis que a falsificam, por outro. A tese principal do bidimensionalismo afirma que somente o reconhecimento das relações de dependência entre conteúdo e contexto pode dar conta dos exemplos recalcitrantes como os casos (a), (b) e (c) descritos abaixo. Os casos foram descritos originalmente por Jackson (1998a, 2004).

(a) Expressões de crenças egocêntricas: o conteúdo da expressão de uma crença egocêntrica—isto é, de uma expressão que contém termos indexicais como ‘eu’, ‘aqui’, ‘agora’— não pode ser capturado simplesmente como

divisão no universo dos mundos possíveis considerados objetivamente. Expressões de crenças egocêntricas representam o mundo do ponto de vista daquele que acredita. Acreditar que há uma mosca sobre a *minha* cabeça é acreditar em algo sobre o mundo como ele é visto da *minha* perspectiva. Qualquer mundo que seja compatível com a expressão dessa crença deve conter pelo menos uma cabeça e uma mosca. Porém, para capturar o conteúdo da expressão da crença egocêntrica, este mundo deveria conter alguma informação sobre o centro (onde eu me situo). Poderíamos capturar o conteúdo de expressões das crenças egocêntricas ainda em termos de uma divisão entre possibilidades. Contudo, teríamos de abandonar o esquema “unidimensional” tradicional, interpretando as possibilidades que definem o conteúdo não mais como mundos possíveis considerados objetivamente, mas como possibilidades que incorporam a perspectiva sob a qual o mundo é representado.

(b) O caso da Terra Gêmea: consideremos as sentenças (i) “Isto é água” e (ii) “Isto é H₂O”. É plausível assumir que (i) e (ii) têm conteúdos diferentes, expressam diferentes proposições sobre a estrutura do mundo—ou não seria uma descoberta empírica que água é H₂O. De acordo com o argumento da Terra Gêmea e a teoria tradicional de proposições como conjuntos de mundos possíveis, porém, elas deveriam ter o mesmo conteúdo: as condições de verdade das duas sentenças são idênticas, pois em todos os mundos possíveis ‘água’ designa H₂O. A manutenção da intuição de que as duas sentenças diferem em conteúdo exige o abandono do esquema tradicional.

Segundo Jackson, para resolver esses problemas, deveríamos assumir uma posição descritivista da referência que associaria a palavra ‘água’ a uma descrição do tipo: “líquido, incolor, que forma rios e lagos etc.” que poderia ser abreviada, de acordo com Chalmers, pela expressão ‘substância aquosa’. No mundo atual a substância aquosa é H₂O e ‘H₂O’ é um designador rígido. Assim, as sentenças “Isto é água” e “Isto é H₂O” são verdadeiras nos mesmos mundos possíveis, tendo, portanto, as mesmas intensões secundárias. De acordo com a associação descritivista proposta por Jackson, “Isto é água” e “Isto é a substância aquosa atual” são equivalentes. A intensão primária neste caso é o conjunto de mundos possíveis onde existe uma substância aquosa (seja ela XYZ ou H₂O). Por outro lado, a intensão primária de “Isto é H₂O” é o conjunto de mundos possíveis onde existe H₂O. Mais uma vez a diferença no conteúdo

representacional de “Isso é água” e “Isso é H₂O” pode ser capturada em termos de intensões primárias.

Se assumíssemos esta postura descritivista poderíamos explicar o processo de compreensão do conteúdo de um termo através da obtenção da intensão primária do termo junto da descrição completa do mundo. Se D é o caso (D é a descrição completa do mundo w) então a crença expressa por “água é H₂O” em w_1 é verdadeira. Mas se a descrição em questão for do mundo w_2 , no qual ao termo ‘água’ é associado a mesma descrição que designa, não H₂O, mas XYZ, então a crença expressa por “água é H₂O” é ainda verdadeira, pois estamos considerando w_2 como o mundo atual. Ao considerarmos um mundo como atual nós consideramos que a referência é determinada via a descrição que nós associamos ao termo.

(c) Explicação bidimensional para o necessário *a posteriori*: O problema como ele já se manifesta nos dois exemplos torna-se mais evidente nos casos em que sentenças recalcitrantes expressam necessidade *a posteriori*. Considere “água é H₂O”. Como exprime uma verdade necessária, “água é H₂O” deve expressar uma verdade em todos os mundos possíveis. Para que possa ser, ao mesmo tempo, *a posteriori*, “água é H₂O” deve expressar uma proposição que não é verificada em alguns mundos possíveis, isto é, uma proposição contingente. É plausível supor que um esquema bidimensional que atribui à sentença “água é H₂O” duas proposições possa ser capaz de justificar a atribuição a uma mesma sentença de duas propriedades aparentemente excludentes. As explicações bidimensionalistas para o necessário *a posteriori* assumem que proposições (e não sentenças) são os genuínos portadores do valor de verdade e também do *status* modal de necessidade e do *status* epistêmico de aposterioridade. Para Jackson e Chalmers não há uma proposição que seja ao mesmo tempo necessária e *a posteriori*. Casos de sentenças necessárias e *a posteriori* são, para Jackson e Chalmers, casos em que a proposição-C (intensão secundária no vocabulário de Chalmers) semanticamente expressa pela sentença é necessária (mas não *a posteriori*) e a proposição-A (intensão primária no vocabulário de Chalmers) associada à sentença é contingente.

A explicação bidimensional para o necessário *a posteriori* baseia-se na concepção especial que a teoria bidimensional sustenta acerca das possibilidades epistêmicas e possibilidades metafísicas.

Neste ponto, podemos nos servir da estratégia bidimensional de Stalnaker para a explicação bidimensional ao necessário *a posteriori*. Stalnaker (1978) introduz a noção de conceito proposicional de uma asserção que captura a dupla dependência do conteúdo de sentenças frente a diferentes maneiras de se considerar mundos possíveis. O objetivo de Stalnaker é explicar o necessário *a posteriori* de Kripke sem abrir mão dos comprometimentos filosóficos que a semântica intensional (esquema unidimensional) estipula, mencionados no início deste capítulo. Em suma, podemos enumerar três princípios filosóficos centrais da semântica intensional: (i) a redução de possibilidade metafísica a possibilidades epistêmicas; (ii) concepção de proposição como determinando ou idêntica a um conjunto de mundos possíveis; e (iii) a suposição de que adquirir informação é excluir possibilidades relevantes. Esses três princípios filosóficos são incompatíveis com as instâncias do necessário *a posteriori* gerados pelos exemplos de Kripke e o essencialismo kripkeano que geram estas instâncias (cf. SOAMES, 2005, p. 84s.)

O primeiro princípio gera um quebra-cabeça sobre como evidências empíricas podem ser exigidas para que uma verdade necessária possa ser conhecida. Se o segundo princípio estiver correto, como poderia haver uma sentença necessária e *a posteriori* se, de acordo com a concepção de proposições como mundos possíveis, qualquer sentença necessária é, por definição, verdadeira em todos os mundos possíveis? A conclusão gerada pelo esquema unidimensional, de que há uma única proposição necessária, é problemática, pois como poderíamos dizer que “ $5+7=12$ ” e “água é H_2O ” expressam a mesma proposição? Ademais, outro problema é gerado quando assumimos (iii) que aquisição de informação, de acordo com o modelo semântico de mundos possíveis que estamos assumindo, é realizada mediante a exclusão das possibilidades. O princípio (iii) combinado com a explicação “unidimensional” do necessário *a posteriori* implicaria na não-informatividade de enunciados de identidade co-extensionais. Se uma proposição *P* é necessária e *a posteriori*, então sua falsidade deve poder ser concebida e precisaríamos recorrer a evidências empíricas para descartar a falsidade da proposição. Entretanto, se *P* é necessário, então não existiria possibilidade alguma de *P* ser falso, e não precisaríamos de evidências empíricas para conhecer *P*. Desse modo, nenhuma possibilidade deveria ser excluída, tornando a proposição cognitivamente trivial.

Stalnaker aceita as conclusões de Kripke, mas não deseja abrir mão dos três princípios enumerados acima. Ele almeja a compatibilidade entre as teorias aparentemente incompatíveis.

Robert Stalnaker accepted that Kripke's examples express a necessary truths that predicate essential properties (or relations) of objects (or pair of objects). Stalnaker also accepted the obvious fact that a speaker who assertively utters one of these sentences often asserts something informative that is knowable only a posteriori. However, he maintained that every such case the proposition asserted is contingent, and hence not identical with necessary proposition semantically expressed by the sentence uttered. (SOAMES, 2005, p. 85)

Stalnaker representa proposições através do conceito proposicional. O conceito proposicional de uma sentença ou de uma asserção é representado por uma matriz onde é atribuído um valor de verdade em cada mundo possível avaliado. O conceito proposicional pode ser caracterizado como uma função de um mundo w a uma proposição, ou de par de mundos a valores de verdade (no caso de sentenças).

Podemos representar proposições através de matrizes nos dois esquemas, unidimensional e bidimensional. Consideremos, por exemplo, a sentença "O trem parte às nove horas." As possibilidades relevantes podem ser resumidas em três casos: (i) "O trem parte às sete horas," (j) "O trem parte às oito horas," e (k) "O trem parte às nove horas." O conteúdo unidimensional do proferimento da sentença pode ser representado pela seguinte matriz:

	i	j	k
F	F	V	

No esquema bidimensional, a matriz (abaixo) representa as *duas maneiras* de determinar o valor de verdade de um conteúdo, o que, por sua vez, faz corresponder a duas maneiras de considerar mundos possíveis. Na coluna vertical estão representados os *contextos de proferimento*, cujo papel é determinar *o que é dito* pela sentença. Na horizontal estão representadas as *circunstâncias de avaliação*, cujo papel é determinar o que é dito *relativamente a um certo mundo w* , considerando que o contexto atual já está fixado (mundos contrafactuais). Na diagonal da tabela está representada a *proposição diagonal*, através dos pontos de interseção entre circunstâncias de

avaliação e contextos de proferimento. O conceito proposicional da sentença “Hesperus é Phosphorus” é representado pela seguinte matriz:

	<i>i</i>	<i>j</i>	<i>k</i>
<i>i</i>	V	V	V
<i>j</i>	F	F	F
<i>k</i>	V	V	V

Na construção dessa matriz, foram consideradas como relevantes as seguintes possibilidades. No mundo *i* a estrela da manhã é, de fato, Vênus e a estrela da tarde também é Vênus. No mundo *j* a estrela da manhã é Vênus, mas a estrela da tarde é Marte e, no mundo *k*, a estrela da manhã é Marte, e a estrela da tarde também é Marte. Parece trivial, mas seria relevante ressaltar também que os termos ‘Hesperus’ e ‘Phosphorus’ são utilizados em todos esses mundos como designadores de corpos celestes que aparecem em determinadas circunstâncias e não como nomes do carteiro de Stalnaker ou de modelos de carro, por exemplo. Estamos considerando mundos de certa forma análogos ao nosso mundo, a respeito dos fatos relevantes. Tendo esses fatos sobre os mundos possíveis em vista, podemos ver o resultado obtido na matriz acima. As linhas horizontais representam as *proposições expressas* pela sentença em diferentes mundos. Como a sentença contém dois designadores rígidos e “é” da identidade o valor de verdade da proposição unidimensional expressa será sempre verdadeiro ou sempre falso. Isto significa que, a proposição expressa é necessariamente verdadeira ou, como no caso da segunda coluna, no mundo *j*, necessariamente falsa. A proposição diagonal é contingente, pois possui valores de verdade distintos. Ela é contingente e *a posteriori*, ao passo que a proposição expressa é necessária. Desse modo, está devidamente ilustrado o caso do necessário *a posteriori*. Não há uma única proposição que seja necessária e, ao mesmo tempo, *a posteriori*. Existem duas proposições associadas à mesma sentença: uma proposição que é a portadora da necessidade e aprioricidade e a outra portadora da contingência e aposterioricidade.

3 O projeto racionalista de Chalmers

Segundo a interpretação de Chalmers (2006), a semântica bidimensional deve ser entendida como uma proposta de reabilitação das ligações entre significado e razão (no sentido de capacidade de raciocínio), por um lado, e entre modalidade (isto é, necessidade e possibilidade) e razão, por outro, rompidas pela teoria de Kripke. A interpretação epistêmica é a *única* versão do bidimensionalismo cujo objetivo é reatar a conexão entre os domínios do significado, da razão e da modalidade; por isso ela também é chamada de *projeto racionalista*. Tal interpretação depende da verdade da chamada “Tese Central” (*Core Thesis*) que deve ser satisfeita para que modalidade e significado sejam reatados ao domínio racional é a seguinte:

Tese Central: Para toda sentença S , S é *a priori* se e somente se S tem uma intensão primária necessária.

Nesta tese estão incluídos todos os elementos que o bidimensionalista epistêmico pretende conectar: modalidade (com a noção de necessário); significado (com a noção de intensão); e racionalidade (com a noção de *a priori*). Aqui, intensão é um tipo de significado, definida em termos de modalidade e conectada constitutivamente à razão. O que a Tese Central nos diz é que uma intensão primária *a priori* é verdadeira em todos os mundos possíveis; o caráter de aprioricidade implica que não há possibilidade alguma a ser excluída pela intensão primária associada ao proferimento de uma sentença *a priori*; por isso, a intensão primária *a priori* seria, por definição, necessária. Uma verdade necessária *a posteriori* será endossada em todos os mundos possíveis quando avaliada de acordo com a sua intensão secundária. Neste ponto, pode ser útil ilustrar com alguns exemplos a Tese Central. Isto pode ser feito mediante o recurso às matrizes bidimensionais propostas por Stalnaker.

Considere o conceito proposicional da sentença “água é H_2O .” As possibilidades relevantes são os mundos i , j e k , onde i é o mundo atual (no qual água é H_2O), j é o mundo onde a substância aquosa é XYZ ($\neq H_2O$) e k é o mundo onde a substância aquosa é KLM ($\neq XYZ$, $\neq H_2O$). Como ‘água’ e ‘ H_2O ’ são designadores rígidos, a proposição horizontal—intensão secundária da expressão—será, ou necessariamente verdadeira, ou

necessariamente falsa. A intensão primária—proposição diagonal—por outro lado, será contingente.

	<i>i</i>	<i>j</i>	<i>k</i>
<i>i</i>	V	V	V
<i>j</i>	F	F	F
<i>k</i>	F	F	F

Consideremos agora o conceito proposicional associado à sentença necessária *a priori* “Triângulos equiláteros têm ângulos iguais.” Nesse caso, a proposição expressa será sempre verdadeira em qualquer mundo possível. Isto é, o conceito proposicional de “Triângulos equiláteros têm ângulos iguais” terá a seguinte forma:

	w_1	w_2	w_3
w_1	V	V	V
w_2	V	V	V
w_3	V	V	V

Esta sentença é verdadeira em todos os mundos possíveis considerados como contrafactuais e considerados como atuais. A intensão primária (representada pela diagonal da matriz) e a intensão secundária (representada pela horizontal da matriz) são necessárias.

Por último, vejamos o conceito proposicional no caso paradigmático de contingente *a priori*. Por estipulação, a palavra ‘metro’ designa o comprimento de uma barra situada em Paris. Logo, podemos saber *a priori* que esta barra tem um metro. Todavia, a proposição expressa por “O metro de Paris tem um metro” é contingente. Consideremos, então, a seguinte sentença “O metro de Paris tem um metro.” As possibilidades relevantes podem ser as seguintes: *i* é o mundo atual onde a barra tem de fato um metro, *j* é o mundo contrafactual no qual a barra teria de fato 1,1 metro e *k* onde a barra teria de fato 0,9 metro.

	<i>i</i>	<i>j</i>	<i>k</i>
<i>i</i>	V	F	F
<i>j</i>	F	V	F
<i>k</i>	F	F	V

De acordo com a matriz acima, a intensão secundária (horizontal) da expressão é contingente e a intensão primária (diagonal) é necessária.

Nos dois últimos casos o caráter *a priori* é representado pela diagonal (intensão primária) necessária. A diagonal é contingente no primeiro caso, mas esse era o resultado esperado, pois o caráter capturado pela diagonal da matriz no primeiro caso é *a posteriori*.

O elemento básico na explicação do *a priori*, segundo a abordagem epistêmica, é a noção de um mundo possível considerado como atual. Chalmers pensa que considerar um mundo como atual é considerar uma hipótese epistemicamente possível. Um pensamento é epistemicamente possível se ele não puder ser demonstrado como falso *a priori*.

A noção de aprioricidade é utilizada para definir possibilidades epistêmicas (CHALMERS, 2004, 2006). Antes da descoberta de que água é H₂O, não podia ser excluído *a priori*, i.e., de acordo com o tudo que sabíamos então, que a composição do líquido que designávamos com a palavra ‘água’ poderia ser XYZ, H₂O ou qualquer outro composto químico. Um mundo em que água não é H₂O é metafisicamente impossível, mas como não poderia ser descartado *a priori*, este mundo é epistemicamente possível.

O que distingue as versões das teorias semânticas bidimensionais é (i) a natureza da modalidade envolvida na intensão primária (considerar um mundo como atual); e (ii) a verdade ou não da tese central. Para muitas interpretações do esquema bidimensional, a modalidade envolvida na intensão primária é a metafísica. Segundo a interpretação epistêmica proposta por Chalmers, a modalidade primária é epistêmica. Isto é, no espaço de mundos metafisicamente possíveis existe um espaço epistêmico de mundos considerados como atuais, que Chalmers chama de “cenários.” Antes de avançarmos, seria conveniente explorarmos os detalhes da noção de cenários.

3.2 Cenários

Há duas maneiras de entender a noção de “cenário” introduzida por Chalmers (2002, 2003, no prelo). A primeira delas, a mais natural, é entendê-la como possibilidade metafísica. Como ficará claro mais adiante, as possibilidades metafísicas não podem ser mundos possíveis *simpliciter* considerados objetivamente, mas devem ser mundos “centrados,” que contenham, além das características objetivas, uma indicação do centro “subjetivo.” A segunda maneira de entender a noção de “cenário” é entendê-la em termos de possibilidades epistêmicas.

Chalmers (2002) considera que cenários constituem o espaço epistêmico de um indivíduo; o espaço de possibilidades aberto a ele, *a priori*. O conjunto de possibilidades que está aberto ao indivíduo *a priori* é reduzido conforme a aquisição de novas crenças pelo indivíduo. Qualquer nova crença adquirida dividirá o espaço epistêmico entre aqueles compatíveis com a crença e os incompatíveis. Quando adquiro a crença de que a minha mesa é feita de madeira, endosso cenários que são compatíveis com esta crença, a saber, cenários nos quais a minha mesa é feita de madeira. Por outro lado, excluo cenários incompatíveis com esta crença, cenários em que a minha mesa é de ferro, de vidro, de gelo etc.

Cenários são como mundos possíveis, isto é, hipóteses maximamente especificadas que contém respostas para todas as perguntas que podemos fazer sobre o modo de ser do mundo. O pensamento expresso por “água é XYZ” é compatível com muitos cenários que o endossam. Um cenário em que a substância aquosa é XYZ e o mundo tem um número total par de moléculas é compatível com o pensamento de que “água é XYZ”. Este mesmo pensamento é compatível com o cenário no qual a substância aquosa é XYZ e o mundo tem um número total ímpar de moléculas. Mesmo que, ao proferir “água é XYZ,” nós não tenhamos em mente o número total de moléculas no mundo, a descrição de um cenário deve conter estas informações e muitas outras (JACKSON, 2004a, 2004b): cenários *são hipóteses maximamente especificadas*.

3.2.1 Cenários: a estratégia metafísica

A primeira forma de construir cenários utiliza a estratégia metafísica. De acordo com este modo de proceder, cenários são como mundos possíveis, e é epistemicamente possível considerarmos um cenário (aqui, mundo possível) como atual, já que esta possibilidade não pode ser descartada *a priori*. Considerar um cenário alternativo como atual é pensar que o *nosso* mundo poderia ser diferente.

Para dar conta do caráter indexical de alguns proferimentos, temos de acrescentar aos aspectos objetivos dos mundos possíveis, uma indicação da posição privilegiada a partir da qual é feito o proferimento em questão. Isto leva à noção de mundos centrados. Mundos centrados são pares ordenados que contém um mundo possível (descrito objetivamente) e uma indicação do centro a partir do qual o mundo é (subjetivamente) considerado. Ao mobilizarmos o mundo centrado para caracterizar cenários, nós damos conta da perspectiva do indivíduo que está no centro deste mundo, e não apenas dos aspectos objetivos do mundo. Dessa forma, cenários e mundos possíveis são diferentes. Mundos possíveis *simpliciter* dão conta apenas do conteúdo de sentenças que expressam crenças exclusivamente sobre os aspectos objetivos do mundo. Como já comentado, o conteúdo de crenças cuja expressão envolve essencialmente termos indexicais, não pode ser capturado simplesmente como partição no universo dos mundos possíveis objetivos. Os mundos possíveis considerados como atuais devem incluir, portanto, uma indicação espaço-temporal sobre o centro a partir do qual o mundo é representado. A interpretação metafísica dos cenários identifica estes com mundos possíveis *centrados*.

A abordagem metafísica de cenários só é compatível com a Tese Central se o princípio da “plenitude metafísica” for verdadeiro (CHALMERS, 2006, p. 82):

Plenitude metafísica: Para todo S, se S é epistemicamente possível então existe um mundo centrado metafisicamente possível que verifica S.

Isto quer dizer que toda possibilidade epistêmica é *epistemicamente necessitada* por algum mundo centrado metafisicamente possível. Como poderíamos afirmar que, para todo pensamento epistemicamente possível,

existe um mundo metafisicamente possível que o verifica? Isto parece especialmente problemático para os casos de pensamentos que contém termos como 'água', suscetíveis a experimentos análogos ao da Terra Gêmea (termos *twin-earthable*). À primeira vista, parece que a Plenitude Metafísica sugere que existe uma possibilidade metafísica que verifica o pensamento "água é XYZ." Contudo, os resultados de Putnam e Kripke nos mostram justamente o contrário. O pensamento expresso pela sentença "água é XYZ" é metafisicamente impossível, embora epistemicamente possível. Este caso parecer oferecer uma refutação definitiva à construção metafísica de cenários.

Por que a Plenitude Metafísica, embora contra-intuitiva, não é obviamente falsa? A plenitude metafísica não deve ser entendida como a implicação da tese falsa de que a sentença "água não é H₂O" seria metafisicamente possível.

One might worry about how a metaphysically possible world (the XYZ-world) can verify a metaphysically impossible statement ('Water is XYZ'). But two-dimensional evaluation makes this straightforward: 'Water is XYZ' is true at the XYZ-world considered as actual, but false at the XYZ-world considered as counterfactual. The metaphysical impossibility of 'Water is XYZ' reflects the fact that it is false at all worlds considered as counterfactual. But this is quite compatible with its being true at some worlds considered as actual. (CHALMERS, 2006, p. 82)

Ao considerar um mundo como atual, é importante que seja estabelecido como este mundo será descrito. Considerar um mundo como atual é considerar a hipótese D verdadeira. D é a descrição canônica do mundo *w*. Se a descrição D do mundo-XYZ contiver a sentença "XYZ não é água" então a hipótese D é epistemicamente incompatível com o pensamento expresso por "água é XYZ." Para evitar este tipo de confusão, precisamos que descrições canônicas sejam formuladas em um vocabulário semanticamente neutro. Termos semanticamente neutros ou estáveis são termos que não são suscetíveis a experimentos de pensamento do estilo Terra Gêmea. Na terminologia de Chalmers, os termos semanticamente neutros são *non twin-earthable*. O vocabulário neutro, segundo Chalmers, deve excluir termos designadores rígidos como: termos de espécies naturais, indexicais e nomes próprios. Um critério para a identificação de termos semanticamente neutros é que as intensões primária e secundária irão coincidir. Esta restrição na construção do vocabulário mobilizado nas

descrições de cenários evita que a definição de um “mundo considerado como atual” seja circular. Candidatos plausíveis de termos neutros são, segundo Chalmers (2004, p. 191), as palavras ‘amigo’, ‘filósofo’, ‘consciência’.

D será a descrição canônica do mundo w , e incluirá todos os aspectos objetivos de w e a especificação de um centro. Considerar w como atual é considerar que a hipótese D é o caso. Dizer que um cenário w verifica um pensamento P é dizer que se D é o caso então $D \rightarrow P$. Dizemos que um cenário verifica um pensamento quando a descrição canônica deste cenário implica o pensamento P. E o cenário falsifica um pensamento P quando $D \rightarrow \neg P$. Assim, o proferimento “água é XYZ” é verificado pelo cenário-XYZ e falsificado pelo cenário- H_2O , e “água é H_2O ” é verificado pelo cenário- H_2O e falsificado pelo cenário-XYZ. Os termos que compõem a descrições devem ser semanticamente neutros e suficientemente ricos a ponto de ser possível que essa linguagem especial possa fornecer uma descrição completa dos cenários. Uma descrição canônica D será completa se, ao conhecermos D, pudermos ter acesso *a priori* a todas as verdades do cenário que D descreve.

3.2.2 Cenários: a estratégia epistêmica

Chalmers reconhece a conveniência de desenvolver outra estratégia para a construção de cenários. Embora ele defenda a verdade da Plenitude Metafísica, ele pensa que a abordagem epistêmica seria menos problemática, pois ela é descrita em termos estritamente epistêmicos e, assim, satisfaz diretamente a Tese Central.

Os cenários, nesta perspectiva, são possibilidades epistêmicas que definem as intensões primárias. Cenários estão para possibilidades epistêmicas assim como mundos possíveis estão para possibilidades metafísicas. *Grosso modo*, a construção epistêmica de cenários toma o seguinte rumo (SCHROETER, 2010): cenários são construções linguísticas formadas a partir de uma “linguagem idealizada” e um operador de possibilidade epistêmica. A linguagem mobilizada nas descrições canônicas destes cenários é idealizada porque a linguagem disponível é composta de sentenças finitas e um léxico limitado. A linguagem especial consiste numa equivalência de classes de sentenças epistemicamente completas. Em suma,

uma sentença é epistemicamente necessária caso seja *a priori*; a sentença S e o pensamento P são epistemicamente equivalentes se “ $S \rightarrow P$ ” for epistemicamente necessário. A sentença S não é completa quando “ $S \& P$ ” e “ $S \& \neg P$ ” são epistemicamente possíveis.

A linguagem idealizada deve ser capaz de expressar a hipótese arbitrária (hipóteses maximamente especificadas) em questão. Ela deve ser completa, idealizada e “epistemicamente invariável”, i.e., não haverá dois *tokens* de expressões linguísticas do mesmo *type* linguístico, para que casos em que um dos *tokens* seja epistemicamente necessário e o outro não, sejam excluídos da descrição do cenário.

Here we can presuppose an epistemic necessity operator over sentences: on the current account, S will be epistemically necessary when it is a priori. Let us say that S and T are epistemically equivalent when the biconditional $S \leftrightarrow T$ is epistemically necessary. Let us say that a sentence S leaves a sentence T open when the conjunction $S \& T$ and $S \& \neg T$ are both epistemically possible. And let us say that a sentence is epistemically complete when it leaves no sentence open. Then intuitively, and epistemically complete sentence in an idealized language corresponds to a maximal epistemic possibility. Two epistemically equivalent such sentences may correspond to the same maximal epistemic possibility. So we can naturally identify scenarios with equivalence classes of epistemically complete sentences (under epistemically equivalence relation), in the idealized language. (CHALMERS, 2003, p.4)

Neste sentido, cenários são construídos, tendo em vista a satisfação do princípio da plenitude epistêmica:

Plenitude epistêmica: Para toda sentença S, se S é epistemicamente possível, então uma sentença epistemicamente completa de uma linguagem L implica S.

Isto quer dizer que toda possibilidade epistêmica é *necessitada epistemicamente* por alguma hipótese epistemicamente possível e completa. A intensão epistêmica equivale a intensão primária caracterizada anteriormente como uma função de cenários a extensões. Cenários podem ser considerados como atuais, pois é sempre epistemicamente possível, isto é, concebível sem contradições, que um cenário seja atual. A intensão primária é avaliada numa possibilidade considerada como atual, i.e., em um cenário e tem como resultado uma extensão *neste cenário*. Tomemos a expressão “água é H_2O ” e denominemos de w_1 um cenário no qual XYZ é a

substância aquosa que forma lagos e rios, que cai dos céus, que forma as nuvens, sai das torneiras etc. w_2 , por sua vez, é o cenário correspondente ao cenário atual, ou seja, o cenário onde a substância aquosa que forma rios e lagos etc. é H_2O . É epistemicamente possível que w_1 seja o cenário atual, uma vez que esta hipótese não pode ser descartada *a priori*. Se w_1 é o cenário atual, então, ao avaliarmos a intensão do pensamento “água é H_2O ” relativamente a w_1 considerado como atual, temos como extensão o falso. Se avaliarmos a intensão de “água é H_2O ” relativamente a uma possibilidade contrafactual w_1 , e se w_2 for atual, então a extensão do pensamento “água é H_2O ” é verdadeiro. Na perspectiva de Chalmers, ambas construções de cenários servem aos seus propósitos, mas a construção epistêmica é claramente menos problemática. Por isso, privilegiamos daqui para frente à construção epistêmica.

Em primeiro lugar, os cenários são construídos epistemicamente por Chalmers, pois ele almeja que a sua concepção semântica satisfaça a Tese Central. É pertinente observar que a satisfação da tese central é realizada pelas definições dos conceitos centrais da abordagem epistêmica: as definições de intensão primária, cenários e de necessidade epistêmica implicam a Tese Central. Entretanto isto não torna a semântica bidimensional epistêmica trivial. Pelo contrário, o valor da teoria definida nestes termos repousa na “capacidade” de oferecer explicação a uma ampla escala de fenômenos linguísticos e mentais. Intensões epistêmicas são definidas de tal modo que a Tese Central é verdadeira.

4. Crítica à suposição de um vocabulário semanticamente neutro

Para capturar as possibilidades envolvidas na intensão primária de expressões linguísticas, a concepção de *cenário* é um conceito central para a teoria de Chalmers. Pois é o correspondente mental da intensão primária—o conteúdo epistêmico—que irá gerar a noção de conteúdo estreito. Cenários são hipóteses maximamente especificadas e existem duas maneiras de construí-los. A primeira é a estratégia metafísica e a segunda, a estratégia epistêmica. Em ambos os casos precisamos de uma linguagem especial para descrever cenários. Os termos que compõem esta linguagem especial devem ser “semanticamente neutros” para que não haja circularidade na definição das intensões primárias. Um vocabulário é semanticamente neutro quando os termos que o compõem não são

suscetíveis a experimentos de pensamento do tipo da Terra Gêmea. Isto quer dizer que a intensão primária e a intensão secundária de um termo semanticamente neutro devem ser idênticas. 'Água' está evidentemente excluído. Nomes próprios, termos de espécies naturais da linguagem vernacular e demonstrativos devem ser eliminados das descrições canônicas de cenários. Termos da linguagem científica como 'H₂O' e 'XYZ' são candidatos plausíveis para a inclusão no vocabulário neutro. O problema é que Chalmers precisa de outros termos além desses da linguagem científica. Como Sawyer (2007, p. 27) observa, Chalmers precisa de um amplo espectro de termos que expressam conceitos individualistas. Com estes termos são formuladas as descrições canônicas dos cenários. E estes, por sua vez, formam a base da definição das intensões individualistas de termos *twin-earthable*. Os exemplos preferidos de Chalmers para termos semanticamente neutros são 'amigo', 'consciência', 'filósofo'.

Sawyer (2007, pp. 27s) revela as dificuldades na tentativa de encontrar termos verdadeiramente neutros. Se o vocabulário neutro deve ser obtido, por depuração, do vernáculo comum, há duas alternativas. E elas parecem falhar. A primeira alternativa envolve a substituição de termos de espécies naturais como 'prata' por descrições definidas, tais como: "elemento metálico, brilhante ... que é um constituinte de baterias, jóias, papel fotográfico etc." Se essa descrição, como um todo, deve ser individualista, os termos que a compõem devem ser semanticamente neutros. Contudo, 'elemento' e 'metálico' são termos de espécies naturais *twin-earthable*. Podemos conceber situações contrafactuais em que a palavra 'metálico', por exemplo, não seja empregada exatamente do mesmo modo que a usamos na nossa comunidade linguística. A consideração de crenças baseada na compreensão incompleta do conceito "metálico" geraria os mesmos problemas que Burge revela quando considera, por exemplo, o caso de uma crença baseada na compreensão incompleta de 'artrite'. Também não há por que pensar que o problema desapareceria se tentássemos agora substituir 'metálico' por uma descrição mais fundamental. Provavelmente, os mesmos problemas reapareceriam aqui e os termos envolvidos na descrição mais fundamental parecem ser inexoravelmente *twin-earthable*. A substituição de 'prata' por uma descrição em termos de 'metálico' e 'elemento' seria, portanto, somente o primeiro passo em um regresso *ad infinitum*.

A segunda alternativa para a “neutralização” do vocabulário consiste na substituição dos termos *twin-earthable* por suas “contrapartes adjetivadas.” É assim que Chalmers coloca ‘substância aquosa’ no lugar de ‘água’. Se ‘substância aquosa’ for visto simplesmente como a abreviação de uma descrição definida, o problema é o mesmo que já foi visto no parágrafo anterior. E se não for uma descrição abreviada, ‘substância aquosa’ depende, no que diz respeito ao seu significado, do significado do termo original que ela substitui.

Como reproduzida acima, a crítica de Sawyer se aplica diretamente à estratégia metafísica para a construção dos cenários. Mas ela não é menos devastadora para a estratégia epistêmica. Em ambas as estratégias Chalmers pressupõe a existência de uma linguagem altamente idealizada. De acordo com a estratégia epistêmica, os termos dessa linguagem devem ser “epistemicamente invariáveis” de tal forma que não haja ambiguidade na subsunção de *tokens* linguísticos a *types*: cada *token* pertence somente a um *type*. Os termos epistemicamente invariáveis da estratégia epistêmica são os equivalentes dos termos semanticamente neutros da estratégia metafísica. E eles são sujeitos à mesma crítica.

5 Crítica do caráter idiossincrático e instável do conteúdo bidimensionalista

O projeto racionalista enfatiza a perspectiva subjetiva do sujeito. Em contrapartida, os externalistas enfatizam projetos explanatórios diferentes, como situar indivíduos com respeito aos aspectos objetivos de seus ambientes. Stalnaker, por exemplo, sustenta que a semântica bidimensional é uma ferramenta útil para explicar a intencionalidade. Contudo, sua interpretação do aparato bidimensional sustenta a posição *externalista* a respeito do problema da intencionalidade. A teoria da intencionalidade na interpretação de Chalmers é evidentemente *internalista*. As intensões primárias são propriedades internas dos falantes e acessíveis *a priori* (aprioricidade e necessidade da intensão primária são identificadas por definição na teoria de Chalmers). O ponto de partida lógico na construção de Chalmers são os cenários descritos em uma linguagem canônica semanticamente neutra. Isto permite a definição de dois tipos diferentes de intensões como funções cujos argumentos são subconjuntos do espaço total de possibilidades epistêmicas (cenários). “*The project is, in effect, the project of reduction to the canonical language, for which all content is narrow, and*

knowable a priori” (STALNAKER, 2004, p. 314). Se a crítica de Sawyer, reproduzida na seção anterior, estiver correta, então a tentativa de redução via substituição *local* de termos não-neutros por descrições mais básicas degenera em um regresso *ad infinitum*.

Uma solução para esse problema poderia ser procurada em uma perspectiva menos atomística de substituição de termos não-individualistas por descrições mais básicas. De fato, Stalnaker (2004, p. 314) afirma que a explicação internalista mais clara e bem desenvolvida é a teoria do “descritivismo global” proposta por Lewis. Em oposição à estratégia de substituição local, o descritivismo global propõe a interpretação, *de uma vez*, de *todos* os termos não-lógicos de uma linguagem. O método se apoia na noção de “ramseyficação,” segundo a qual todos os predicados relevantes são substituídos por variáveis. A referência específica a propriedades e relações é substituída por afirmações de que existem propriedades e relações relacionadas entre si de acordo com as generalizações que constituem a base descritiva da teoria. As afirmações individuais que a teoria descritivista global faz não podem ser compreendidas independentemente do conjunto total de descrições. As intensões caracterizadas pelo descritivismo global serão sempre inter-relacionadas, no sentido em que qualquer intensão particular será caracterizada relativamente a outras intensões particulares. O conteúdo dos termos não-lógicos da linguagem será, portanto, intra-teórico, definido pelas relações que constituem a teoria total. Os conteúdos de termos em duas linguagens somente serão idênticos se a teoria total dessas linguagens for idêntica (cf. STALNAKER, 2004, p. 315).

Isto leva ao problema reconhecido por Stalnaker. As intensões definidas no quadro do descritivismo global, isto é, as intensões que deveriam ser utilizadas na interpretação da linguagem e do pensamento, são idiossincráticas e instáveis:

Since interpretation goes by way of a total theory, any change in the total theory, however minor, will bring about a change in the contents of everything expressed in the theory, and any difference between your total theory and mine will mean that the contents of all my claims will differ from any of yours. (STALNAKER, 2004, p. 316)

Em última instância, isto significa que, se forem diferentes os conjuntos totais de descrições acessíveis *a priori* para dois falantes, então o

descriptivismo global atribuiria conteúdos diferentes aos termos equivalentes utilizados por eles. Eles estariam falando sobre assuntos diferentes e a comunicação seria mais ou menos impossível. Podemos conceber uma situação na qual um indivíduo que mora numa cidade grande associa a descrição "... sai das torneiras ..." à palavra 'água', ao passo que um indivíduo que cresceu isolado no litoral, sem água encanada, não associa esta descrição à palavra 'água'. Ao invés disso, ele associa, por exemplo, a descrição "... preenche o mar ..." E, podemos ainda, imaginar uma situação na qual o habitante da cidade não sabe que água preenche o mar e o habitante do litoral não sabe que água sai das torneiras. Os dois personagens não associam as mesmas descrições à palavra 'água'. A conclusão plausível, segundo Stalnaker, é que, se o descriptivismo global estiver correto, habitantes da cidade e habitantes do litoral não seriam capazes de se comunicar, pois seus conteúdos são idiossincráticos.

Um defensor do ponto de vista descriptivista individualista poderia afirmar que o que confere convergência na referência de termos de outra forma idiossincráticos é a intensão secundária, pois ela assegura identidade na extensão do termo ao longo dos contextos ou das possibilidades em que o termo é avaliado. Como Kripke e Putnam mostram, é o caráter externo do mundo que fixa a referência de termos de espécies naturais. Mas o descriptivista considera que este caráter externo pode ser capturado no esquema bidimensional pela intensão secundária. A intensão secundária amenizaria o fato de que dois falantes que associam descrições distintas a termos idênticos estão usando os termos com significados diferentes e, portanto, falam sobre assuntos diferentes. O que permite que o bidimensionalismo dê conta desse aspecto "objetivista" da referência é a integração de descrições enrijecidas à base total das descrições definidoras das intensões: "*that will avoid confusion between people who have attached the same term to the same referent by means of different descriptions*" (LEWIS, 1984, p. 59, *apud* STALNAKER, 2004, p. 317).

Mas, mesmo que a intensão secundária exerça o papel estabilizador dos conteúdos e significados das expressões, ela não é o objeto das nossas atitudes proposicionais. Para o bidimensionalismo, o valor cognitivo dos nossos pensamentos e proferimentos é dado pela intensão primária. É somente à intensão primária que nós temos acesso direto. Portanto, o fato de que a intensão secundária exerce um papel estabilizador não resolve o

problema da idiosincrasia e instabilidade do componente supostamente individualista do conteúdo.

Uma resposta mais eficaz à crítica da idiosincrasia e instabilidade pode ser construída em analogia com o argumento formulado por Kim para dar conta dos problemas relacionados à concepção funcionalista da mente. A concepção funcionalista de estados mentais também é holística ou global: os estados mentais são definidos pelas relações (funcionais/causais) que eles estabelecem uns com os outros, de acordo com uma teoria psicológica total. A ideia de um “mesmo estado q” é sempre relativa a uma teoria total T. O estado q é caracterizado relativamente a outros estados internos a T, como q1, q2, q3. Os estados mentais de dois sistemas psicológicos serão idênticos somente se a teoria psicológica total desses sistemas for idêntica. Como Kim (1996, p. 95) chama a atenção, não é estritamente necessário, porém, precisemos partilhar com os polvos exatamente a mesma teoria psicológica total, para reconhecer que eles, como nós, também sentem dor. É necessário apenas que nossas respectivas teorias tenham um número indefinido de elementos em comum, isto é, que exista uma teoria parcial comum na forma de uma superposição das nossas respectivas teorias totais. Uma resposta análoga a esta pode ser dada no caso dos conteúdos definidos sobre a base de sistemas totais de descrições. É certamente excessivo afirmar que precisamos de uma teoria total idêntica para que não haja falha de comunicação entre falantes que associam descrições distintas as mesmas expressões. Talvez seja suficiente uma “teoria parcial,” ou seja, uma superposição suficiente das descrições que os falantes associem *a priori* aos termos de suas respectivas linguagens. Isso responde a objeção levantada por Stalnaker.

William Lycan (2009) levanta uma objeção similar. Lycan também pensa que são demasiadamente instáveis e idiosincráticas as descrições que, segundo o esquema bidimensional, deveriam fixar a referência de um termo, o que comprometeria seu papel de determinante da referência. Lycan pensa que não existem intensões primárias para os termos da nossa linguagem vernacular, pois as descrições que são comumente associadas a elas são falíveis e instáveis. Não existe uma descrição que fixe univocamente a referência de um termo como ‘água’. Tampouco existe um consenso estrito entre os falantes na associação de descrição a termos da linguagem. Falantes distintos, muitas vezes, associam descrições distintas às mesmas palavras. *“Reference-fixers are rarely enshrined in the public*

language; they are private to individual speakers at particular times" (LYCAN, 2009, p. 72). O significado da palavra 'água' permaneceria o mesmo, ainda que não houvesse torneiras, nuvens, rios ou lagos aos quais faríamos referência nas nossas descrições. Lycan infere disso que a redução descritivista está fadada ao fracasso: "*No distinctive, stable set of reference-fixers, no stereotypical 'role'. No stereotypical role, no jacksonian A-intension*" (LYCAN, 2009, p. 73).

Jackson (2009) responde à objeção de Lycan afirmando que existe sim um conjunto de descrições estáveis e públicas e estas podem ser encontradas, por exemplo, nos dicionários. Uma evidência disto é que as intensões primárias representam exatamente o que é comunicado pela palavra 'água' antes da descoberta de que água é H₂O. Mais uma vez, antes de Lavoisier, as pessoas sabiam o significado de 'água'. Portanto, elas tinham acesso a descrições que fixam as referências e estas descrições não são tão privadas quanto pensa Lycan. Jackson reconhece a existência de elementos idiossincráticos nos conjuntos individuais de descrições. Mas isto não é um problema que torne intratáveis as intensões primárias. Para a definição adequada de intensões primárias basta um núcleo comum e relativamente estável de descrições básicas rígidas e não-rígidas acessíveis *a priori* por muitos falantes de uma linguagem e, por isso mesmo, eventualmente já dicionarizadas.

6 Conclusão

O ponto de partida do presente trabalho foi uma caracterização geral da semântica bidimensional. O mecanismo básico da semântica bidimensional estipula duas maneiras de conceber mundos possíveis: um mundo possível pode ser considerado como contrafactual—isto é comum aos sistemas unidimensionais—mas também como atual—este é o componente inovador da semântica bidimensional.

O desenvolvimento da semântica bidimensional proposta por Chalmers busca compatibilizar os aspectos positivos de ambas as teses internalista e externalista. A proposta é preservar o núcleo plausível dos resultados de experimentos de pensamentos externalistas, sem aceitar a perspectiva externalista em sua totalidade. Foram consideradas duas objeções gerais à teoria bidimensional que almejam revelar falhas estruturais. A primeira

objeção é justa se a linguagem neutra exigida por Chalmers na construção de cenários e, portanto, na definição de intensões primárias for desenvolvida no quadro de uma perspectiva de substituição local de termos não-neutros por descrições definidas formuladas em termos supostamente neutros. A perspectiva da substituição local leva, plausivelmente, a um regresso *ad infinitum* e com isso à rejeição da interpretação epistêmica da teoria bidimensional, a despeito das vantagens que ela possa ter sob outro ponto de vista. A segunda crítica estrutural leva em conta uma possível solução para o problema revelado na primeira crítica. Mesmo esta solução (o descritivismo global), porém, padeceria de pelo menos dois problemas: o problema da instabilidade e da idiosincrasia dos conteúdos primários. Contudo, embora importantes, os problemas apontados pela segunda crítica não precisam ser considerados como obstáculos intransponíveis para o desenvolvimento da semântica bidimensional.

Em primeiro lugar, o trabalho procurou mostrar que é excessivo afirmar que precisamos de uma teoria total idêntica para que não haja falha de comunicação entre falantes que associam descrições distintas as mesmas expressões. Talvez seja suficiente uma superposição das descrições que os falantes associam *a priori* aos termos de suas respectivas linguagens. Isso responde a objeção da idiosincrasia levantada por Stalnaker.

Em segundo lugar, existem nos trabalhos de Jackson elementos para uma resposta à objeção da instabilidade dos conteúdos primários levantada de forma marcante por Lycan. Contra Lycan, Jackson chama a nossa atenção para o fato de que existe sim um conjunto de descrições estáveis e públicas ao qual o bidimensionalista pode recorrer. Para a definição adequada de intensões primárias basta um núcleo comum e relativamente estável de descrições básicas rígidas e não-rígidas acessíveis *a priori* por muitos falantes de uma linguagem e, por isso mesmo, eventualmente já dicionarizadas.

Evidentemente, as considerações feitas aqui não demonstram a verdade do esquema bidimensional. Mas não existem mesmo essas demonstrações de verdades filosóficas. O estado atual do debate filosófico na teoria do conteúdo—que este trabalho procurou caracterizar—é que o esquema bidimensional individualista pode não estar completamente livre de problemas, mas que não há objeções definitivas a ele.

Referências

- CHALMERS, D.J. 2002. The Components of Content. In CHALMERS, D.J. (org.) (2002). *Philosophy of Mind: Classical and Contemporary Readings*. Oxford: Oxford University Press. Citado de acordo com <<http://consc.net/papers/content.html>>
- CHALMERS, D.J. 2003. The Nature of Narrow Content. *Philosophical Issues* 13: 46-66. <https://doi.org/10.1111/1533-6077.00004>. Citado de acordo com <<http://consc.net/papers/narrow.html>>.
- CHALMERS, D.J. 2004. Epistemic Two-Dimensionalism. *Philosophical Studies* 118: 153-226. <https://doi.org/10.1023/B:PHIL.0000019546.17135.e0>
- CHALMERS, D.J. 2006. The Foundations of Two-Dimensional Semantics. In GARCIA-CARPINTERO, M. e MACIA, J. (orgs.) *Two-Dimensional Semantics: Foundations and Applications*. Oxford: Oxford University Press.
- GARCIA-CARPINTERO, M. e MACIA, J. 2006. *Two-Dimensional Semantics: Foundations and Applications*. Oxford: Oxford University Press.
- JACKSON, F. 1998. *From Metaphysics to Ethics: a Defence of Conceptual Analysis*. Oxford: Clarendon Press.
- JACKSON, F. 1998a. Reference and Description Revisited. *Philosophical Perspectives* 32, suplemento 12, Language, Mind and Ontology: 201-218. <https://doi.org/10.1111/0029-4624.32.s12.9>
- JACKSON, F. 2003. Narrow Content and Representation, or Twin Earth Revisited. *Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association* 77(2): 55-70. <https://doi.org/10.2307/3219741>
- JACKSON, F. 2004a. Representation and Narrow Belief. *Philosophical Issues* 13(1): 99-112. <https://doi.org/10.1111/1533-6077.00007>
- JACKSON, F. 2004b. Why We Need A-intensions. *Philosophical Studies* 118: 257-277. Citado de acordo com: <<http://consciousness.anu.edu.au/jackson/A-intensions.pdf>>.
- JACKSON, F. 2007. Reference and Description from the Descriptivists' Corner. *Philosophical Books* 48(1): 17-26. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0149.2007.00426.x>
- LEWIS, D. 1973. Causation. *Journal of Philosophy* 70: 556-567. <https://doi.org/10.2307/2025310>
- LYCAN, W. 2009. Serious Metaphysics: Frank Jackson's Defense of Conceptual Analysis. In RAVENSCROFT, I. (org.) *Minds, Ethics and Conditionals: Themes from the Philosophy of Frank Jackson*. 61-83. Oxford: Oxford University Press. <http://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199267989.001.0001>
- MCLAUGHLIN, B. e COHEN, J. 2007. *Contemporary Debates in Philosophy of Mind*. Oxford: Blackwell.

PUTNAM, H. 1975. The Meaning of 'Meaning'. In GUNDERSON, K. (org.). *Language, mind and knowledge*. 131-193. Minneapolis: University of Minnesota Press. Reimpresso em *Mind, Language and Reality: Philosophical Papers*, vol. 2: 215-271. Cambridge: Cambridge University Press.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511625251.014>

SAWYER, S. 2007) There is No Viable Notion of Narrow Content. In MCLAUGHLIN, B. e COHEN, J. (orgs.) *Contemporary Debates in Philosophy of Mind*. 20-33. Oxford: Blackwell.

SCHROETER, L. 2004. "The Rationalist Foundations of Chalmers's 2D-Semantics". *Philosophical Studies* 152: 227-255.
<https://doi.org/10.1023/b:phil.0000019547.96461.d9>

SCHROETER, L. 2010. "Two-Dimensional Semantics." In ZALTA, E. (org.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Citado de acordo com:
<<http://plato.stanford.edu/archives/win2010/entries/two-dimensional-semantics/>>.

SPEAKS, J. 2010. "Epistemic Two-dimensionalism and the Epistemic Argument". *Australasian Journal of Philosophy* 88 (1): 59-78.
<https://doi.org/10.1080/00048400802674727>

STALNAKER, R. 1978. "Assertion." In STALNAKER, R. (org.) 1999. *Content and Context*. Oxford: Oxford University Press.

STALNAKER, R. 1989. "On What's in the Head." In STALNAKER, R. (org.) 1999. *Content and Context*. Oxford: Oxford University Press.

STALNAKER, R. 1990. "Narrow Content." In STALNAKER, R. (org.) 1999. *Content and Context*. Oxford: Oxford University Press.

STALNAKER, R. 1999. *Content and Context*. Oxford: Oxford University Press.

STALNAKER, R. 2006. Assertion Revisited. In Garcia-Carpintero, M. e Macia, J. (orgs.) *Two-Dimensional Semantics: Foundations and Applications*. Oxford: Oxford University Press.

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar e avaliar criticamente o projeto racionalista de David Chalmers e Frank Jackson na interpretação epistêmica da chamada semântica bidimensional. Diferentes versões do aparato formal da semântica bidimensional são lançadas para resolver certos problemas no âmbito da filosofia da linguagem, a saber, dar conta do conteúdo semântico de termos indexicais, produzir uma explicação para os híbridos modais como instâncias do necessário a posteriori e contribuir para o debate acerca da determinação do conteúdo mental. De um modo geral, a semântica bidimensional estipula uma dupla dependência de expressões linguísticas frente a possibilidades ou cenários. Uma das noções centrais para a construção das possibilidades relevantes é a noção

de “cenário”. O presente trabalho procura responder a duas objeções aa noção de cenário empregada por David Chalmers em sua interpretação do aparato bidimensional.

Palavras-chave: *semântica bidimensional; David Chalmers; Frank Jackson.*

ABSTRACT

This paper aims at presenting and critically assessing the epistemic interpretation advanced by David Chalmers and Frank Jackson of the two-dimensional semantic framework. Different versions of the formal apparatus of the two-dimensional framework are used to account for philosophical phenomena such as the content of indexical terms, modal hybrids, such as posteriori necessities and the individuation of mental content. Generally, two-dimensional framework stipulates a double dependence of linguistic terms on possibilities or scenarios. One of the central notions for the construction of the relevant kind of possibility is the notion of “scenario”. The aim of the paper is to defend the two-dimensional framework from two objections regarding the notion of scenario.

Keywords: *two-dimensional semantics; David Chalmers; Frank Jackson.*

Recebido em abril de 2019.
Aprovado em outubro de 2019.